

Autoralidade de Christian Petzold brilha com 'Afire'

PÁGINA 3



A alegria do Cordão do Boitató agora em álbum

PÁGINA 4



Rosane Svartman cria com gosto para todos os públicos

PÁGINA 6



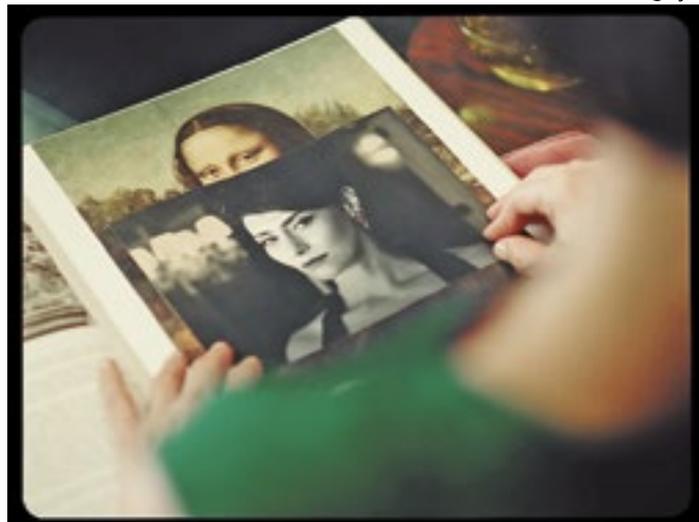
2º CADERNO

Divulgação



Malu

Divulgação



A Paixão Segundo G.H.

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Cifras altas na venda de ingressos de um lado e aplausos de plateias estrangeiras do outro: é assim que 2024 começou para o cinema brasileiro, exorcizando as perdas sofridas com a pandemia, quando nossa média de bilheteria desabou.

Nos últimos dias de janeiro, em Park City, Utah, nos EUA, plateias americanas ficaram comovidas com o desempenho de uma trinca de nossas melhores atrizes - Yara de Novaes, Juliana Carneiro da Cunha e Carol Duarte – durante a exibição de “Malu”, do cineasta Pedro Freire, no Festival de Sundance.

Na trama, Malu, uma atriz desempregada de 50 anos que vive das memórias de seu passado glorioso, divide uma casa em uma favela do Rio de Janeiro com sua mãe conservadora, enquanto também lida com um relacionamento conturbado com sua própria filha.

Poucos dias depois de o público dos Estados Unidos se deslumbrar com a direção de Pedro (conhecido por sua delicadeza desde a projeção do curta “O Teu Sorriso”, em Veneza, em 2009), um diálogo de nosso audiovisual com a literatura de Clarice Lispector (1920-1977) arrebatava o Festival de Roterdã, na Holanda, de carona na atuação inflamada de Maria Fernanda Cândido em “A Paixão Segundo G.H.”, de Luiz Fernando Carvalho.

Uma ovação consagrou o deslizamento para a tela dos dilemas existenciais de G.H. Depois de despedir a empregada, ela inicia uma faxina no quarto de serviço e vê uma barata. Enojada do inseto, ela decide esmagá-lo. Nesse gesto, diante da massa pastosa e branca da barata morta, embarca num processo de desmontagem de sua condição humana. É um estudo visceral sobre as agonias da alma feminina.

Continua na página seguinte

Revanche à brasileira

Cinema nacional começa 2024 com elogios em Sundance e Roterdã, alta concentração de filmes na Berlinale e sucessos na ordem do milhão nas bilheterias

Divulgação



Nosso Lar 2

Divulgação



Minha Irmã e Eu

Por cá, o signo da sonoridade bate forte em circuito exibidor, com poltronas lotadas, na sinergia entre Tatá Werneck e Ingrid Guimarães nas vias da gargalhada.

Tudo indica que “Minha Irmã e Eu” ultrapasse a marca de 2 milhões ingressos vendidos ainda no início desta semana, fazendo do fenômeno dirigido por Susana Garcia o maior sucesso do país nas telas desde “Minha Mãe É Uma Peça 3” (2019), que foi visto por 11,6 milhões de pessoas. Há quem estime a marca de 1.000.000 pagantes para “Nosso Lar 2 – Os Mensageiros” nesta semana, à luz do apelo popular de Renato Prieto (intérprete do espírito André Luiz). Há chances de “Mamonas Assassinas – O Filme” chegar nessa raia milionária também.

O Bonde do Milhão pode se ampliar com a nova parceria entre o roteirista Paulo Cursino e o diretor Roberto Santucci, que Santucci voltam este ano com “Os Farofeiros 2”, em março, em fina sintonia com o talento de Paulinho Gogó. No mesmo mês, “Férias Trocadas” - com Edmilson Filho, Carol Castro e Aline Campos - pode bombar também e inflar as poltronas de pagantes, assim como “Evidências de Amor”, com Fábio Porchat e Sandy. Espera-se que “Mallandro: O Errado Que Deu Certo”, agendado para maio, abra a porta dos desesperados por milhões e devolva ao nosso cinema o gostinho de destronar Hollywood, à força do carisma de Sérgio Mallandro.

Enquanto os exibidores daqui contabilizam as boas vendas de tíquetes de nossos filmes de tom mais comercial, lá fora, os multiplexes da Europa - e suas salas de complexos dedicados a uma produção menos pop - anseiam pelo bloco brasileiro que esteve ao lado de “A Paixão Segundo G. H.” em Roterdã. Na Competição Tigre de Ouro entrou “Praia Formosa”, de Julia De Simone. Na Competição Big Screen, Marcelo Gomes (diretor premiado por “Cinema, Aspirinas e Urubus”) enveredou pelo universo literário do escritor



Os Farofeiros 2

Passageiros do Bonde do Milhão



Estômago 2 - O Poderoso Chef

Divulgação



A Batalha da Rua Maria Antônia

Manoela Estellita/Divulgação



Férias Trocadas

Divulgação



Evidências do Amor

Divulgação

Marcelo Botta), Generation (“Lapso”, de Caroline Cavalcanti) e Forum Expanded (“Quebranto”, de Janaina Wagner). Novas atrações podem (e devem) aparecer nos próximos dias.

Para os próximos festivais estrangeiros do ano, pode (e deve) haver lugar para “Estômago 2 – O Poderoso Chef”, de Marcos Jorge. Rodado parte no Brasil, parte na Itália, esta comédia mafiosa resgata personagens do cult de 2007, acompanhando as aventuras do ex-presidiário Raimundo Nonato (João Miguel) na Europa, numa família de gângsters.

Outro potencial ímã de festivais é “A Fúria”, de Ruy Guerra, que forma uma trilogia com “Os Fuzis” (1964) e “A Queda” (1978), codirigido por Nelson Xavier. E os dois saíram da Alemanha com Ursos de Prata. Na parte três de seu tríptico, Ricardo Blat assume o papel do operário Mario, que tenta se vingar da opressão capitalista, às voltas com uma filha cheia de ira (Simone Spoladore) e um sogro cheio de ranços (Lima Duarte).

Nesse terreno de grifes autorais, o drama político thriller vencedor do troféu Redentor de Melhor Filme no festival do Rio 2023 pode mobilizar atenções e garimpar palmas: “A Batalha da Rua Maria Antônia”, de Vera Egipto. Arma-se um teatro de máscaras na trama quando o líder estudantil Benjamim (Caio Horowicz, atômico em sua atuação) aparece no campus da Faculdade de Filosofia da USP para manter seus colegas fora das CNTPs. Ele agita sua turma e outras em meio a uma batalha em outubro do 68. Seus métodos são sedutores, mas, parecem desrespeitar códigos de ética e sentimentos. Benjamim encena um jogo de decapitações com seus companheiros de aula e incomoda, em especial, uma atormentada professora, Leda (Gabriela Carneiro da Cunha, espetacular).

Estima-se que Cannes, em maio, deva receber “Enterre Seus Mortos”, com Marjorie Estiano e Selton Mello, que será visto também em “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles, com Fernanda Torres e sua mãe, Fernanda Montenegro.

amazonense Milton Hatoum com “Retrato de um Certo Oriente”. Na Mostra Harbour, entraram “Greice”, de Leonardo Mouramateus; e “Levante”, que rendeu à diretora Lillah Halla o Prêmio da Crítica

de Cannes. No dia 15 de fevereiro começa a Berlinale 2024 e vamos estar lá com “Cidade; Campo”, de Juliana Rojas (de “Sinfonia da Necrópole”), na mostra competitiva Encontros. A mesma seção oferece

brasilidade na coprodução multinacional “Dormir de Olhos Abertos”, de Nele Wohlatz.

A esquadra brasileira no Festival de Berlim inclui títulos nas seções Panorama (“Betânia”, de

Grife autoral de maior ascensão da Alemanha hoje, realizador integra o júri da Berlinale

Petzold em chamas

Janus Films/Divulgação

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Desde setembro, quando foi jurado do Festival de San Sebastián, a carreira do realizador alemão Christian Petzold ficou focada no lançamento de seu filme mais recente, o badalado “Afire”, em salas de países da América Latina, como o Brasil, e no streaming da Europa. Hoje, a produção faz parte do cardápio da plataforma digital do Telecine e na Reserva Imovision. Pode ainda ser alugado na Apple TV, no YouTube, no Google Play e na Amazon Prime.

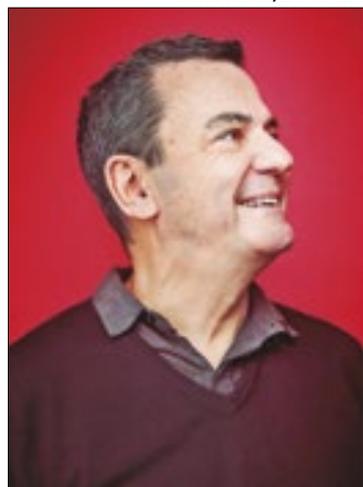
Em fevereiro do ano passado, esse drama cheio de louvor à literatura deu a ele o Grande Prêmio do Júri da Berlinale, evento germânico que, na edição deste ano, a de número 74º, vai contar com a presença dele como jurado. Esse convite para que ele integre o coletivo destinado a julgar os concorrentes ao Urso de Ouro de 2024 – presidido pela atriz Lupita Nyong’o, oscarizada por “12 Anos de Escravidão” – ressalta a relevância de Petzold como o diretor autoral de maior relevância de seu país na atualidade. Além de Lupita e dele, o júri da Berlinale (agendada de 15 a 25 de fevereiro) reúne a diretora Ann Hui (Hong Kong/ China), o ator e realizador Brady Corbet (EUA), o cineasta Albert Serra (Espanha), a atriz e realizadora Jasmine Trinca (Itália) e a poeta Oksana Zabuzhko (Ucrânia). O rol de produções em concurso é farto.

Entram em disputa cineastas das mais variadas gerações. Tem sangue jovem na lista em competição, como a franco-senegalesa Mati Diop, a italiana Margherita Vicario e o mexicano Alonso Ruizpalacios.



Cena de ‘Afire’, o badalado longa de Christian Petzold, um drama cheio de louvor à literatura

Jens Koch/Berlinale



Tem também medalhões: vide os franceses Bruno Dumont e Olivier Assayas e o sul-coreano Hong Sangsoo. A própria Alemanha sai em campo com o veterano Andreas Dresen. Entre as promessas sul-americanas encaradas como po-

tenciais competidoras, foi selecionada uma produção colombiana que assume um hipopótamo como protagonista: “Pepe”, de Nelson Carlos De Los Santos Arias. Ou seja: o que não falta é diversidade, palavra que Petzold muito valoriza.

“O afeto nos dá uma identidade de pertencimento”, disse Petzold ao Correio da Manhã num papo via telefone, durante a produção de “Afire”, que ganhou, entre muitos troféus, a láurea de Melhor Filme no Festival de Palic, na Sérvia.

Já com filme novo em gestação, Petzold nasceu há 63 anos na cidade de Hilden e iniciou em 1988 uma das carreiras mais sólidas de sua pátria entre realizadores que viraram grife. “Undine” (laureado com Prêmio da Crítica na Berlinale de 2020) e “Jericó” (indicado ao Leão de Ouro em 2008) consolidaram sua notoriedade como cineasta com verve de autor.

“Discutir identidade, a partir do cinema, é um processo antigo,

que eu vejo até em Hitchcock”, diz o cineasta. “A Alemanha é um país assolado por uma culpa histórica que nos é imputada pelo que se passou durante o nazismo. Mas durante os bombardeios que se seguiram ao fim da II Guerra, em 1945, destruíram não só nossos prédios: acabaram com a nossa cultura, com a nossa moral e com a nossa ética. Acabaram com a nossa sensação de pertencimento. Eu faço parte de uma geração de diretores que busca as histórias que construíram essa grande História em que nos rodeamos de fantasmas. Por isso, nos meus filmes, há personagens ausentes, pessoas que desaparecem, mas deixam seu espectro”.

Embalado pelo hit “In My Mind”, do grupo vienense Wallners, o novo longa de Petzold estreou no Brasil via Imovision. A distribuidora de Jean Thomas Bernardini foi responsável por trazer ao Brasil os cults anteriores desse artesão autoral germânico. Alguns deles foram

lançados na grade da plataforma digital da distribuidora, o Reserva Imovision – e seguem por lá: “Barbara” (2012), “Phoenix” (2014), “Yella” (2007), “A Segurança Interna” (2000) e o já citado “Jericó”. São longas que ilustram sua relação de intertextualidade com a literatura, que se depura a cada novo título.

“Meu esforço é tirar a História de uma inércia arquetípica, é proteger os personagens do lugar comum, é fomentar uma nova perspectiva para a imagem”, disse Petzold, em Berlim.

Três anos após a consagração de “Undine”, o realizador extrai mais uma atuação magnífica de sua habitual parceira, Paula Beer, tendo dado à disputa pelo Urso de Ouro de 2023 seu roteiro mais engenhoso, numa ode à prosa literária. A atriz é a misteriosa hóspede de uma casa no litoral, numa fase alta de calor, onde um aspirante a escritor, Leon (Thomas Schubert), anseia por uma avaliação de seu editor. Mas há incêndios ao redor, na mata, acoassando os moradores e visitantes. Haverá um incêndio dentro dele também, mexendo com sua incapacidade de amar e sua falta de empatia.

“Num universo repleto de narrativas de pessoas que precisam se esconder e se reinventar, construído pelo cinema ao longo de décadas, o amor aparece sempre como um norte para os personagens”, explica Petzold, que vai dar uma palestra ao público de San Sebastián sobre sua estética. “Percebo o mundo à minha volta, e sua sensibilidade, pelos ruídos que ele produz. Quando um cineasta procura locais onde filmar, ele, de costume, preocupa-se com o visual e busca imagens de referência, confiando ao olhar o desenho de sua narrativa. Não por acaso, realizadores fazem esse processo acompanhados de um diretor de fotografia, para mapear as pistas visuais do que planeja contar. No meu caso, a engenharia de som é essencial para que eu pense um filme, tanto quanto a referência visual. Por isso, quando encontro um lugar, eu fecho os olhos e tento ouvir o que esse espaço tem. Preciso ouvir o que esse lugar expressa, para que ele me conte sua história”.

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Glória Maria tem vida e obra destacada na biografia

Glória Maria, um ano depois de sua morte, ganha biografia

Um ano depois de sua morte, Glória Maria ganha uma biografia ilustrada, para que as próximas gerações possam conhecer a carreira da jornalista. Dedicado ao público infanto-juvenil, o livro "Glória Maria - Glória Maria Matta da Silva" está sendo lançado pela editora Mostarda. Escrito por Duílio Fabbri Júnior e ilustrado por Manoela

Costa, o livro traz um panorama da vida da jornalista, da época em que ainda trabalhava como telefonista até o momento em que recebeu o diagnóstico de câncer no pulmão.

A biografia ressalta a sua luta contra o racismo: Glória foi a primeira pessoa a usar a Lei Afonso Arinos, que proíbe a discriminação racial.

Homem com H

Jullio Reis foi confirmado no papel de Cazuzu no filme "Homem com H". É a estreia do ator em um longa. A produção acompanha a história de Ney Matogrosso, interpretado por Jesuíta Barbosa. Na trama, Ney e Cazuzu têm um romance.

No elenco

Brad Pitt está no elenco de "The Movie Critic", filme que marca a despedida de Quentin Tarantino do cinema. O longa está previsto para sair no fim de 2025 e ainda não se sabe se o astro fará o protagonista ou um papel secundário na produção.

Histórias de vida

Roteirista e dramaturga, Renata Mizrahi se inspira em episódios da própria vida para criar histórias. É o caso de 'Marias', filme que a Globo exhibe nesta segunda (5) na Tela Quente, e do musical infantil 'Gabriel Só Quer Ser Ele Mesmo', em cartaz no Rio.

Caetaneando

A aguardada turnê "Xande Canta Caetano", nome do projeto lançado por Xande de Pilares em homenagem a Caetano Veloso, tem data e local para começar. Será dia 21 de junho em Belo Horizonte, com direção musical de Pretinho da Serrinha.



Um dos blocos mais irreverentes do carnaval de rua carioca lança o álbum 'Dos Pés à Cabeça na Praça' reunindo 11 faixas de alegria em estado puro

Das ruas para o estúdio

O espírito carioca do Cordão do Boitató é capturado em álbum que chega ao mercado às vésperas do carnaval

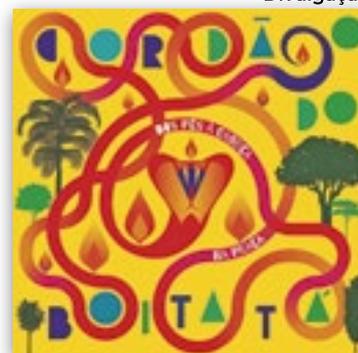
Mais uma vez o Cordão do Boitató aproveitou o tempo entre um carnaval e outro para sair um instante da rua e se dedicar a um "concentra mais não sai" em estúdio de gravação, brindando a música popular brasileira com mais um álbum de tirar o fôlego, do mesmo jeito com que faz com os foliões em seus concorridos desfiles no carnaval de rua carioca.

"Dos Pés à Cabeça na Praça" traz o repertório autoral do Cordão, o da casa, o do palco, o

Este lançamento confirma, sem medo de errar, de que o carnaval carioca se tornou outro desde que o Cordão se lançou às ruas da cidade e tem ocupado palcos do Brasil e do mundo ao longo de seus 28 anos de existência.

O Boitató é o carnaval da música instrumental, da música cantada, mas que rejeita qualquer canto que passe por preconceitos. Um carnaval das nossas matrizes africanas culturais e religiosas. Um carnaval político, atuante, um carnaval da democracia, um carnaval da utopia.

Seguindo a força do axé que alimenta o Cordão, o grupo irá lançar em abril o segundo álbum deste projeto, já gravado, contemplando outros aspectos de sua criatividade, o trabalho chamado "Dos Pés à Cabeça na Rua". Um álbum dedicado ao cortejo nas ruas, Exú abrindo caminho garantindo a festa. Repertório também potente de canções para brincar, pular o carnaval e cantar, mas com a característica dos bem cuidados arranjos orquestrais, uma marca do Cordão.



Divulgação

do barracão, com composições próprias de seus integrantes e canções consagradas de autores brasileiros. Um álbum reflexivo, mas não menos dançante, como dizem seus integrantes.

O inverno dentro de cada um

Destaque da nova cena musical portuguesa, a cantora e compositora destila poesia intimista em EP

Uma das revelações da nova música portuguesa, a cantora e compositora Merai faz da melancolia uma catarse no poético EP “Inverno de Dentro”, disponível em todas as plataformas de música. A artista transforma a intimidade em intensidade, explorando temas obscuros com um toque de esperança.

Guiadas por voz e violão, as canções de Merai - nome artístico de Mariana Frangioia Portela - passeiam por temas obscuros sem perder um foco de esperança que o sol há de vir no fim da noite. “Tal como o ano, nós humanos também temos estações. Este EP é sobre o ‘Inverno de

Merai: ‘A tempestade é necessária para se descobrir a própria sombra’



Stratos Ntsonsis/Divulgação

Dentro’. Tudo pára no inverno. Os animais, as plantas, as árvores dormem. As noites são mais longas”, explica Merai. “O disco é sobre tudo aquilo que o inverno nos conta

- a escuridão, o frio, a dureza, as fragilidades, e a regeneração, que é a caminhada feita em direção à luz e ao calor de novo – ao sol”, justifica.

Com ascendência angolana, Merai é natural de Lisboa e é uma artista multifacetada, cuja jornada é marcada por uma ampla gama de influências e paixões. Desde a infância, se envolveu com a música, estudando música clássica e posteriormente se formando em Línguas Literaturas e Culturas na Universidade de Lisboa, além de concluir um curso em Produção Musical. Essa base sólida em diferentes disciplinas se reflete na sua música, que abraça elementos do afropop, hip hop, música coral, música eletrônica e até elementos tradicionais portugueses.

Merai tem apenas 23 anos mas traz em sua obra uma maturidade conceitual de alguém com muito a mostrar para o público. Seja dialogando sobre vida, morte e luto no EP “Fénix” ou gritando de ódio na ousada e urgente “O Meu Corpo Não”, sobre a violência sofrida pelas mulheres.

“Uso minha arte como veículo para enfrentar questões difíceis e provocar reflexão. E o fato de tirar um tempo para olhar para si mesma, refletir meus próprios demônios como se fosse uma grande frente fria passando é um ato de coragem”, reflete.

“O ‘Inverno de Dentro’ é a caminhada pela tempestade que implora que voltemos para trás, mas que temos que percorrer. A tempestade é necessária para a pessoa que está a fazer a sua jornada descobrir qual é o motivo que a prende ao seu escuro amor: tem que descobrir a sua sombra”, resume.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

O quentinho do amor

O duo Dudalu faz uma MPB pop que traz o quentinho do amor pro coração. Agora, com o single “Instantes”, eles querem trazer o próprio sol. Pensado como um single de verão, a faixa do casal reflete como a vida é passageira e que temos que aproveitar. A faixa chega com um clipe com clima de festa na piscina. Com pouco mais de um ano e meio desde seu primeiro lançamento, Dudalu se tornou um dos fenômenos recentes da música brasileira, acumulando mais de 1 milhão de streams em diversas plataformas de música.

Divulgação



Sofia Colucci/Divulgação



Mágoas ao mar

A cantora e compositora Marília Duarte lança um single que leva o ouvinte para dançar à beira mar com a percussiva “Mandinga”, que chega com um single e clipe via ybmusic. A faixa é um exemplo sobre como a música - e a arte em geral - pode ser um lugar de regeneração e para um reencontro consigo mesmo. “A inspiração para ‘Mandinga’ nasceu de um término amoroso, e a solução foi transformar as mágoas, frustrações e dores em uma melodia dedicada a Iemanjá. Foi um meio de desapegar emocionalmente, levando as mágoas, expectativas e aflições do coração para o fundo do mar”, conta.

Divulgação



Marchinha frevo-pop

O músico e produtor pernambucano Guerra, conhecido pelo trabalho como baterista da Fresno, apresenta ao público “É Massa!”, segundo single do aguardado álbum solo “Numatofuturo”. O lançamento chega acompanhado de visualizer e é a última prévia antes do disco completo, que chega às plataformas ainda este mês. Carregado de humor, “É Massa!” promete ser uma aposta para o Carnaval. A marchinha-frevo-pop traz a essência recifense de maneira única e mostra a versatilidade de Guerra, que tocou todos os instrumentos do álbum.

MORA NA FILOSOFIA

ALDO TAVARES
PROFESSOR-MESTRE EM FILOSOFIA

Papo com Gilles Deleuze

Encontrar pessoas é encontrar palavras, e eu as encontrei na Universidade de Paris 8 Vincennes-Saint Denis, logo após Deleuze ter lecionado na sala Hegel. Em 18 de janeiro, comemoraram-se 95 anos deleuzianos com palavras que rejuvenescem a luta política, porém não compreendidas no Brasil até hoje.

Qual a razão de o movimento negro brasileiro ir contra seu pensamento?

Ele defende o conceito de diferença de forma errada e, por conseguinte, o conceito de identidade.

Por quê?

Porque o conceito de diferença não é a afirmação contrária entre duas identidades, por exemplo, branco e preto, ser e não-ser. Em termos de pensamento, herdamos de Hegel essa ideia de diferença, que Marx apenas reproduziu, mas diferença, a partir do ser, não é isso.

Então, o que é diferença?

Existe a filosofia incomum, pensada por Nietzsche, por Foucault, por mim; e existe o conceito comum de diferença, o de Hegel e que circula na sociedade, só que encontrar a origem filosófica dessa diferença é incomum, o que torna difícil explicar em uma entrevista para jornal.

E sobre Karl Marx ter invertido a dialética hegeliana?

Ele a inverteu, apenas se esqueceu de dizer que inverteu o errado, pois, no que diz respeito ao ser, a dialética hegeliana é um erro contra o pensamento filosófico, já que

o conceito de diferença, repetido, não é oposição entre identidades, e o princípio dessa oposição é por causa do ser.

Mesmo sendo para espaço de jornal, por favor, fale um pouco sobre o que fundamenta sua crítica a Hegel, que é a questão do ser.

Como eu disse, uma entrevista em espaço muito reduzido é imprópria; mas, me contradizendo, digo que o ser hegeliano precisa da negação, ou seja, precisa do não-ser, e Hegel faz isso porque, dessa forma, surgindo a negação externa, que é o não-ser, surge a ideia de diferença.

E existe outra negação?

Sim, existe a negação interna, que é a negação do próprio ser, quer dizer, sendo interna, não há o outro, não há o fora, enfim, não há oposição entre ser e não-ser.

Não há, então, oposição entre opressor e oprimido?

Na história, há vários momentos em que o opressor se identifica com o oprimido, assim como o oprimido se identifica com o opressor, não havendo, portanto, conflito, oposição. Dominar de forma astuciosa não é criar oposição, mas criar identidade.

Saberia dar um exemplo na história do Brasil?

O da colonização, ele nos mostra a imagem expoente do padre José de Anchieta, que é a imagem do poder sacerdotal, aliás, poder muito bem pensado por Nietzsche, porque esse poder não tem a marca da oposição, muito diferente do que Marx pensa.

'Eu nunca subestimo o público, de qualquer idade'

Rosane Svartman explica por que faz séries juvenis, quase ignoradas pela TV

Por Gabriel Vaquer (Folhapress)

Autora de novelas como "Totalmente Demais" (2015), "Bom Sucesso" (2019) e "Vai na Fé", a escritora Rosane Svartman dedica-se nos últimos tempos a escrever e desenvolver projetos para público infanto-juvenil, na contramão do que o mercado de TV tem feito.

Na semana passada, o Globoplay lançou a segunda temporada de "Vicky e a Musa", série lançada em 2023 com elogios de público e crítica. Em 2025, também está prevista a estreia de "Espécie Invasora", produção que fala de séries e lobisomens, e tem Svartman como uma das roteiristas.

Em entrevista à reportagem, Rosane explicou por que gosta tanto de falar com adolescentes e jovens. Para ela, o segredo é não subestimar o público, e falar de assuntos importantes de igual para igual.

"Eu nunca subestimo o público, de qualquer idade, podemos falar de qualquer assunto, a questão é como. Como você fala de assuntos que às vezes são sobre luto, por exemplo. Ou sobre questões da relação maternidade ou paternidade, da relação entre gerações", afirma.

"Eu acho que são questões prementes, importantes da nossa sociedade, que podemos, sim, falar, conversar, contar histórias. É sempre a forma como falar. Acho importante podermos tratar de temas



Divulgação

Rosane diz gostar de falar com adolescentes

prementes para com esse público também", explica.

Sobre a nova temporada de "Vicky e a Musa", que fecha a história da série, Rosane diz o que tem de novidade na nova leva de episódios. Foram 12 novos capítulos lançados, que já haviam sido gravados na sequência da primeira leva.

"Nessa nova fase de episódios de 'Vicky e a Musa', a trupe vai montar um espetáculo. Então, à medida que esse espetáculo vai sendo montado, aprofundamos também alguns conflitos e dilemas dos personagens, que, como sempre, refletem sobre o que estão vivendo e passando através da arte", antecipa.

"É como na vida, nós também temos aquela música da fossa, ou quando vemos um filme e, às vezes, temos uma epifania ou pensamos sobre uma relação. Eles, através do

teatro, das músicas, da arte, vão também pensando, refletindo, superando seus dilemas e conflitos", reflete.

Sobre trabalhos futuros, Rosane agora se dedica ao cinema, em um projeto dirigido junto com a atriz Suzana Pires, baseado na história de uma mulher com câncer.

"Estou na ilha de montagem do filme que acabei de dirigir com a Suzana Pires, e produção da Record Produções, inspirado no blog da Clélia Bessa. O original era 'Estou com câncer, e daí?' mas o filme vai se chamar 'Câncer com Ascendente em Virgem'. É a história da jornada de uma mulher com câncer de mama e, obviamente, quando nos deparamos com uma doença como essa, é um filme muito também sobre a vida. Viver a vida e o que importa", afirma.

CRÍTICA / LIVROS

Leituras de janeiro

Por Olga de Mello

Especial para o Correio da Manhã

Fechando janeiro de poucas leituras, apenas sete livros terminados, mais uns quatro iniciados. O hábito de ler diferentes títulos ao mesmo tempo talvez contribua para essa demora em terminar os já começados, mas, paciência, sempre fui uma leitora poliamorosa. Tem o livro que anda na bolsa de trabalho, o que vai ao supermercado, os que se acumulam na mesa de cabeceira, os que se espalham casa a fora. Sem contar os que chegam e precisam ser folheados, surgem os já lidos em priscas eras.

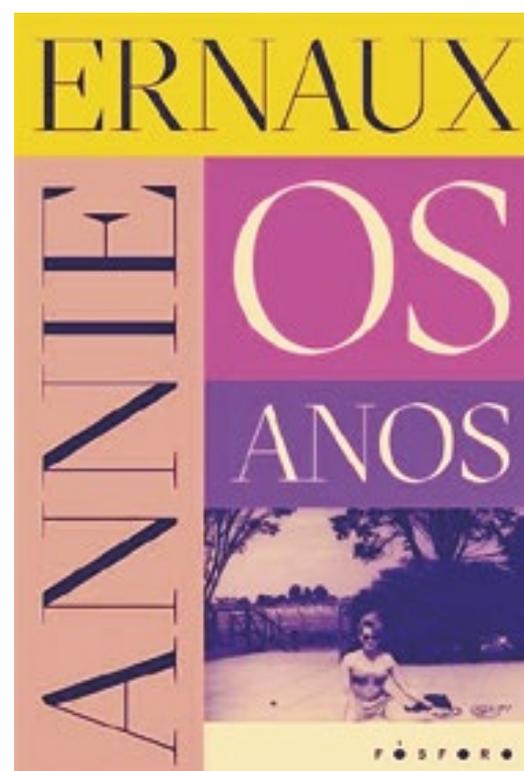
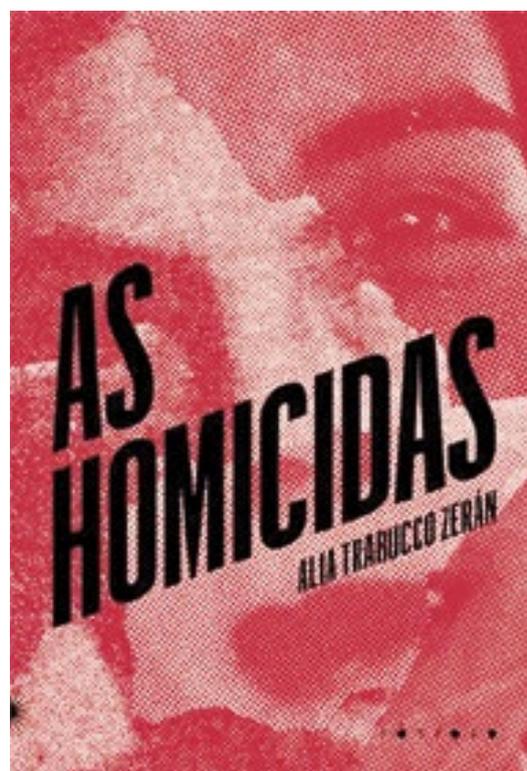
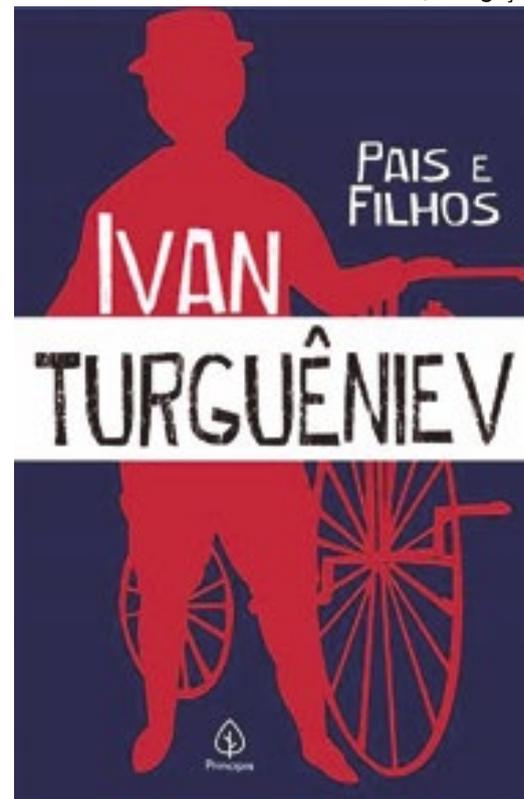
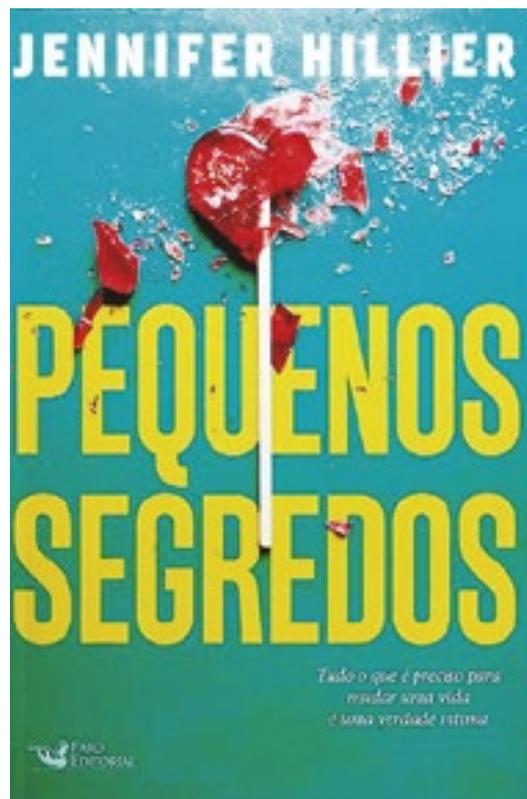
Dos concluídos em janeiro, está uma releitura clássica marcante na adolescência (cujo impacto se esvaneceu nessa segunda vista): Pais e filhos (Principis, R\$ 24,90), de Ivan Turgueniev. À defesa do sistema de servilismo pelos aristocratas decadentes se contrapõe o anti-herói Bazárov, um médico que prega a dissolução social e de todos os valores tradicionais no século XIX pelo niilismo, um prenúncio da revolução socialista que aconteceria poucos anos depois. O conflito de gerações e a adoção das práticas convencionais por Kirssanov, o rico protagonista, mostra que nem sempre as teorias de derubada do status quo conseguem derrotar o sistema. E o niilismo foi esquecido na História.

Uma das leituras em progresso também remeteu a pavorosos episódios, um deles contado na minha infância, o da Fera da Pehna, a mulher que teria assassinado a filha de um amante casado. Na adolescência, um dos casos que abalou a opinião pública carioca envolvia outra femme fatale, Lou, condenada como cúmplice pelos assassinatos de dois ex-namorados. Depois veio o processo de uma mulher acusada de planejar a morte do ex-marido, um milionário. Recentemente, uma mulher teria envenenado enteados. Todos esses casos, acontecidos no Rio de Janeiro, são bem semelhantes a quatro crimes que surpreenderam o Chile

no século XX, relatados pela chilena Alia Trabucco Zerán em *As homicidas* (Fósforo, R\$ 65,90). Zerán, que estudou, mas não exerceu Direito, discute a figura da mulher aos olhos da lei, da sociedade e da cultura. Dificilmente se credita a agressividade de um assassino à principal vítima da violência doméstica. No entanto, quando à mulher é imputado um crime, a cobertura jornalística e o julgamento da sociedade parecem mais severos do que ao considerarem delitos cometidos por homens.

E entre as primeiras leituras do ano está uma que sai do desmanche do tsundoku – a pilha de livros abertos, manuseados, mas não lidos. Os anos (Fósforo, R\$ 65,90), de Annie Ernaux, me levou a fazer as pazes com a ganhadora do Nobel de Literatura de 2022. Autor de autoficção se confunde com a obra, então, difícil é deixar de considerar Ernaux monotemática. Porém, ela vai bem além disso. É primorosa ao montar lembranças e percepções do passar do tempo neste livro, que, clama pela identificação do leitor em algum trecho. As reflexões mostram o quanto somos semelhantes como espécie, encarando pessoas e situações de forma muito parecida, apesar das diferenças socioculturais. Se em outros escritos, Annie Ernaux expõe sem pudor seu constrangimento pelo parentesco com pessoas de baixa escolaridade e profissões menores, em *Os anos*, esse desnudamento se apoia na universalidade conferida pelo viver.

Segundos de distração com as compras no supermercado e uma mãe perde de vista o filho de seis anos. Do episódio bastante frequente na vida contemporânea, a canadense Jennifer Hillier parte para criar uma trama de suspense engenhosa, na qual os piores instintos de uma mulher deprimida afloram quase como uma vingança contra seu destino. Em *Pequenos segredos* (Faro Editorial, R\$ 59,90) não há personagem sem algo a esconder, fora o menininho, num thriller surpreendente e bastante realista.



Fotos/Divulgação

CRÍTICA / RESTAURANTE / TASCARVALHO

O melhor de dois mundos

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

O Brasil é um imã de várias culturas que aqui chegam, trazendo seus hábitos, cantos, palavras, mas sobretudo suas comidas. Algumas como a japonesa e a árabe chegam a virar os deliciosos salgadinhos, esses sim praticamente nossos exclusivos. E dentro de todas essas gastronomia, uma se destaca por estar presente no botecos com o nosso favorito bolinhos e com o bacalhau como o principal prato da sexta-feira santa e do Natal.

Chegado o carnaval nossa maior expressão, tivemos a adorável surpresa de saber que a Tasca

Carvalho está oferecendo, nesse período, a feijoada de frutos do mar. A feijoada o básico por causa da tradição africana das escolas e os frutos do mar que julga-se que com o preparo lusitano são dos melhores do mundo.

Denise que, como eu, quer distancia das ruas cheias, etc e tal, mas jamais perder uma delícia dessas. Lá fomos nós, atendidas pela gentilíssima Cleide, pedindo para abrir os serviços, afinal é Carnaval, Porto Tonic. Veio o copo farto, com o refrigerante no ponto certo. Acompanhamos com a punheta de bacalhau. Desfiado, corretamente dessalgado, com cebola roxa, salsa, muito azeite e pão quentinho. Uma alegria!



O bacalhau é um dos carros-chefe da casa

Fabio Rossi/Divulgação

Como a donna e mobile, preferimos o super bem servido tábua de frutos do mar. Camarão, polvo e lula. Tudo tão bem feito que Denise, que nem gosta de polvo, se fartou. Grelhados, com o azeite transbordando, o alho dando o perfume. As batatas coradas, crocantes por fora e macias por dentro, na correta base de sabor.

E falando em batatas ao ver as fritas da mesa ao lado, pedimos uma porção. Cortadas em palitos médios, bem fritas, nenhuma queimada, crocantes, com o Porto Tonic, nos sentimentos à beira do Tejo olhando o movimento. Pegamos a maré da tarde, felizmente, sem sol e saímos por Copacabana para ouvir um samba no Quintal dos Botecos, evento na Praça do Lido. Adoramos o nosso sábado de "carnaval".

SERVIÇO

TASCARVALHO

Rua Ronald de Carvalho, 266 – Copacabana | Terça a sexta (15h à 0h), sábado (12h à 0h) e domingo (12h às 22h)

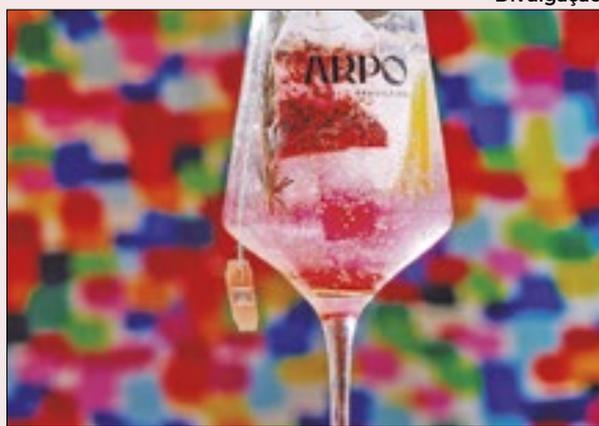
NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Para descansar

Anexo Praia e Anexo Bar Búzios apresentam suas novidades da alta estação. O Praia, com ambiente pé na areia, instalado no Porto da Barra, em Manguinhos, proporciona aos visitantes o pôr do sol mais icônico de Búzios. Com suas instalações agradáveis, ao estilo praiano, a temporada de verão traz para o cardápio um menu de bebidas autorais, que trazem três novos drinks e dois shots ao cardápio. O Anexo Bar abre para almoço às 12h e oferece o espetacular por do sol com dose dupla de caipirinhas que acompanham os pratos de culinária contemporânea.

Divulgação



Divulgação

Drinques em dobro

Em parceria com a Arpo Gin, a Churrasqueira apresenta drinks especiais com perfeitas harmonizações de sabores e super refrescantes para embalar a maior festa da terra. E vai ter mais: dose dupla das bebidas durante todos os dias de carnaval, a partir das 18h. As três opções repletas de frescor: Redentor, feito com Arpo Gin, chá de frutas silvestres, água tônica, limão siciliano e alecrim; Chiquinha, preparado com Arpo Gin, suco de melancia, suco de limão e xarope de baunilha; e Arpo Tonic (R\$ 36), com Arpo Gin, água tônica, tangerina e alecrim.



Divulgação

Pra se acabar

O Brasil de desigualdade levou os chefs Fabrício Lemos e Lisiane Arouca ao menu performático Nossa Heranças, com receitas da resistência da culinária baiana. O Origem, casa-mãe da dupla, tem serviço perfeito - comandado por Emanuel, Ava e Tabata - e uma culinária ímpar na criação dos pratos, no uso dos ingredientes e da belíssima apresentação. São três atos que homenageiam os povos nativos, as quitadeiras e quituteiras ecossistema baiano e os biomas. Ostras, vieiras, puba, mandioca, frutas típicas. Tudo harmonizado para uma refeição perfeita.